

Editorial

Transversos da língua portuguesa: a poesia entre fronteiras

O que quer? O que pode esta língua? A que pátria ou mátria pertence nossa língua-mãe? Nesta comunidade de seres falantes, aparentamo-nos ou somos como estranhos familiares? No poema e na canção, o verso interrompe ou vincula o português que aqui falamos com o ritmo da fala em Moçambique, Timor ou Portugal? Como a poesia moderna e contemporânea partilha o sensível dessa última flor do lácio, de passado trágico, e ainda assim tão aberta a inflexões políticas e a rearranjos líricos? Haveria algo em comum entre os múltiplos modos de criar acessos poéticos ao sentido em língua portuguesa?

Em torno dessas questões, o v. 8, n. 1, da **Revista Caletrosópio**, associada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto, convidou pesquisadores a refletirem sobre os modos poéticos de habitar e desconstruir a língua, politizá-la e multiplicá-la, desobedecê-la e enriquecê-la. O dossiê “Transversos da língua portuguesa: a poesia entre fronteiras” apresenta algumas dessas imagens de pensamento, por onde a linguagem articula o passado com o por vir de comunidades estéticas e políticas, situadas entre fronteiras culturais e simbólicas, e cuja produção tanto provoca os gêneros textuais e sexuais, quanto desconstrói a falsa dicotomia entre o particular e o universal.

A obra que ilustra a capa desta edição, de autoria da artista Juliana Gontijo, nos introduz na polissemia de um vocabulário construído por desterritorializações, e mesmo hoje em frequente mudança. Intitulada *Calunga*, esta xilogravura evoca a circularidade e a complementariedade entre a ancestralidade e o contemporâneo, que está presente no vocábulo de origem banto, e que se refere tanto à ideia da passagem quanto de divindade – o ponto onde a vida se encontra com a morte, e uma dá sentido à outra, como escreve a artista:

Calunga é o mar,
Calunga é o buraco na terra.
Calunga é onde a vida começa e termina.
A boca da noite prenuncia o sonho,
Enquanto a boca do dia o come aos poucos.
As palavras velhas sempre nos lembram que a roda precisa continuar girando.
Corre mundo, se desdobra a vida e, enquanto esperamos o momento de nos reencontrarmos,
O coração segue batendo no meio do peito.
Calunga, o mar, amor:
Palavras velhas que sempre anunciam o novo.

É notório, portanto, como a plasticidade da língua portuguesa e do imaginário que ela simboliza, é ponto em comum entre alguns artigos. A variação entre o prosaico e o poético, prova de uma maleabilidade e de uma experimentação formal na literatura moderna, é discutida no texto “Noites natalinas em verso e em prosa: as formas da poesia de Carlos Drummond de Andrade”, de Gustavo de Mello Sá Carvalho Ribeiro, em que se compara um poema e um conto do escritor mineiro, ambos motivados por uma cena de Natal. Sobre a plasticidade do imaginário, o texto “A imaginação surrealizante na poesia de Murilo Mendes”, de Wendel Carlos Sousa, apresenta a obra deste poeta que faz dançar as imagens através de uma metamorfose da linguagem. Uma similar preocupação com a movência do ser na palavra é apresentada em “A ontologia do desejo na poética de Hilda Hilst”, por Andréa Jamilly Rodrigues Leitão, que discorre sobre as intermitências nos afetos, oscilando entre unidade e dispersão, fusão e dissolvência. Outra importante poeta brasileira figura nos artigos sobre poesia moderna e contemporânea em “A questão da identidade em *Metade cara, metade máscara* de Eliane Potiguar”, no qual Marina Beatrice Ferreira Farias e Izabela Guimarães Guerra Leal se debruçam sobre os conflitos de identificação a partir da perspectiva indígena.

Os paradigmas do contemporâneo também se fazem notar nos textos sobre poesia africana da língua

portuguesa. Ao pensamento sobre as complexas relações entre enunciação e identidade, somam-se discussões referentes à oralidade, à tradição, ao passado traumático e à luta pela emancipação. No artigo “Entre versos de rima e dor: memória, identidade e resistência em *No fundo do canto* de Odete Semedo”, Luís Carlos Alves de Melo trabalha o olhar da poeta sobre os conflitos em Guiné-Bissau, a partir da perspectiva de literatura engajada. Ainda sobre este compromisso com as questões atuais, o texto “Notas do contemporâneo em Ana Mafalda Leite”, de Vera Maquêa, propõe um engajamento poético no tempo presente, em aliança com a perspectiva de Giorgio Agamben que sugere ao mesmo tempo uma aderência e um distanciamento em relação ao intempestivo. Esta não-aderência ao que no contemporâneo parece nos convocar imediatamente, também é trabalhada no artigo de Daniel de Oliveira Gomes sobre o poeta Chagas Levene, intitulado “Um eremita na atual poesia moçambicana”, a respeito de uma poética do desassossego que associaria o autor a escritores como Bernardo Soares, Fiamma Hasse Pais Brandão, Clarice Lispector, entre outros.

A cartografia dos espaços de língua portuguesa e suas singulares configurações sensíveis, estéticas e políticas, que formam este Dossiê, abre-se com *Calunga* e se encerra com o ensaio de Francisco Manuel Antunes Soares, intitulado “Nobreza iluminada e fértil”, no qual vocábulos como este são explorados em suas origens, com o objetivo de se perscrutar as interseções e os contrastes entre culturas e imaginários separados no tempo e no mapa.

Na seção “Fluxo contínuo”, Machado de Assis é tema de dois artigos: o primeiro, “Reverberações dos procedimentos formais de Luciano de Samósata nos contos de Machado de Assis”, de autoria de Geordane Crepalde Pereira e Artur Costrino, analisa as influências da sátira luciânica e da menipeia em alguns contos do escritor carioca; e um segundo, de Marcia Danieli da Silva Costa, aborda a obra *Memorial de Aires* pelo viés intertextual. O artigo “Provando dos próprios *remedia* em *Halieutica*: uma leitura intertextual da pós-carreira ovidiana”, de João Victor Leite Melo, baseia-se no conceito de “crítica de carreira” para propor uma análise do fragmento de Ovídio.

Em “Resenhas”, a obra *O processo violeta* de Inês Pedrosa é apresentada por Lígia Vanessa Penha Oliveira, que enfatiza as problemáticas do desejo e da violação na vida das personagens principais do romance, Clarice, Violeta, Ana Lúcia e Paulina.

Um trecho traduzido da obra originalmente publicada em inglês, *Our men do not belong to us*, da escritora Warsan Shire, filha de somalis e habitante de Londres, compõe a seção “Traduções”, compondo também o percurso que visamos traçar nesta edição, quando a tradutora Júlia Côrtes Rodrigues faz chegar ao português os versos:

“Estou estufada
com um idioma que não tenho como esquecer.”

Desejamos uma boa leitura nestas fronteiras, margens e linhas de fuga da língua portuguesa!

Carolina Anglada e Mônica Gama